

## As tecnologias da informação e comunicação como apoio à evolução da internacionalização do ensino superior

Information and communication technologies as support for development of higher education internationalization

Carla Camargo Cassol da Silva\* e Marília Costa Morosini\*\*

### Informações do artigo

Recebido em: 22/07/2017

Aprovado em: 04/10/2017

### Palavras-chave

Ensino Superior.  
TICs. Internacionalização.  
Internacionalização do Ensino Superior.

### Keywords:

Higher Education.  
ICTs.  
Internationalization.  
Higher Education Internationalization.

### Autoras

\* Doutoranda pelo programa de Pós-graduação em Educação pela PUC- RS. Mestre em Gestão e Negócios, com ênfase em internacionalização da educação, pela Unisinos - RS. Diretora acadêmico-administrativa de Internacionalização no Senac-RS. email: cccassol@senacrs.com.br.

\*\* Pós-Doutora na Utehas/Austin. Pesquisadora 1 A. CNPq. Coord. a CEES/PUCRS. - Centro de Estudos em EDUCAÇÃO Superior.

### Como citar este artigo:

SILVA, C. C.C.; MOROSINI, M.C. As tecnologias da informação e comunicação como apoio à evolução da internacionalização do ensino superior. *Competência*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, dez. 2017.

### Resumo

No século XXI, a globalização passa a exercer uma forte influência na Educação Superior, e o atual cenário mundial globalizado e interconectado demanda egressos qualificados para atuar nesse contexto. Passam a ser exigências do mundo do trabalho competências globais, interculturais e o uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs). Portanto, tanto as TICs como a internacionalização devem estar presentes e atuantes no processo de ensino e aprendizagem da educação superior. Estudos sobre internacionalização do ensino superior indicam que para que uma universidade seja considerada internacionalizada esta deve prover uma experiência educacional internacional para todos os seus alunos. A mobilidade acadêmica ainda está restrita a um percentual limitado da população global de estudantes, seja pela dificuldade de ausência de suas origens, seja por indisponibilidade de recursos financeiros. Assim sendo, as TICs podem ser utilizadas para apoiar alunos no desenvolvimento de perspectivas internacionais, interagindo com pessoas de outras culturas e engajando-se ativamente em um aprendizado intercultural. Este artigo objetiva discutir como as TICs podem apoiar os avanços de internacionalização do ensino superior, bem como provocar reflexões acerca do assunto e dos desafios interpostos às instituições de ensino superior que se propõem a cumprir o seu papel de formar cidadãos globais.

### Abstract

In the 21st century, globalization strongly influences Higher Education and the current globalized and interconnected world scenario demands qualified graduates to work in this context. Global skills, intercultural competencies and the use of information and communication technologies (ICTs) become demands of the working market. Therefore, both ICTs and internationalization must be present and active in higher education teaching and learning process. Studies on internationalization of higher education indicate that for a university to be considered internationalized, it must provide an international educational experience for all its students. Academic mobility is still limited to a small percentage of the global student population, either because of the difficulty of absence of their origins or due to unavailability of financial resources. Thus, ICTs can be used to support students in developing international perspectives, interacting with people from other cultures, and actively engaging in intercultural learning. This article aims to discuss how ICTs can support higher education internationalization progress, as well as to incite reflections on the subject and the challenges presented to higher education institutions that aim to fulfill their role of educating global citizens.

## 1 Contextualização

Nos últimos anos, instituições de ensino superior (IES) têm se tornado cada vez mais internacionais em suas atividades, como resultado da globalização da economia, da informação e da sociedade. A globalização passa a impelir o surgimento de novos formatos de IES, influenciando a docência e discrição, a reelaboração de currículos e as exigências sociais, que levam em conta não apenas mecanismos internacionais, mas também as necessidades de cada país. A internacionalização das universidades, portanto, passa a ser um dos componentes emergentes. Nas palavras de Morosini (2012, p.202), “a qualidade em contextos globalizados é marcada, na maioria dos casos, pela internacionalização, via intercâmbio estudantil e docente, e/ou currículos internacionalizados e num estágio mais aprimorado via redes colaborativas”.

Para WIT (2011), o futuro da educação superior será de parcerias internacionais estratégicas em pesquisa, ensino e transferência de conhecimento entre universidades, para que possam gerenciar os desafios que a globalização demandará. Na verdade, é possível afirmar que a globalização já os demanda. Hudzik (2011, p.10) afirma que “[...] para tornar-se uma instituição de educação superior de distinção no século XXI é requerida sistemática atenção institucional para a internacionalização – e para engajamento institucional no exterior”. O cumprimento do papel social das IES se dá a partir da entrega de profissionais qualificados para o exercício de sua profissão, de forma a contribuir para o desenvolvimento econômico-social local e global. Desse modo, torna-se uma exigência do próprio mundo do trabalho o conhecimento e a preparação para relações com estrangeiros e culturas diversas por parte dos estudantes.

“Há expectativas das Universidades tornarem-se atores chaves na economia do conhecimento global, e a internacionalização é identificada como resposta chave para a globalização” (WIT e HUNTER, 2014, p.5). A importância da internacionalização em IES, portanto, torna-se incontroversa.

Muitos autores trazem conceitos e definições para internacionalização do ensino superior, mas o mais amplamente aceito é o de Knight (2008, p.21): “o processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global na proposta, funções ou entrega da educação superior”. O termo “processo” é utilizado para enfatizar a relação contínua e prolongada da atividade, inferindo a necessidade de se ter um método e/ou procedimento. Assim, é possível “distingui-la de ações isoladas e institucionalmente não integradas, consideradas como sinônimo de internacionalização” (MIURA, 2009, p.2). O verbo “integrar” atribui um sentido de que é necessário um engajamento de todas as partes interessadas, sejam internas ou externas, a partir das parcerias firmadas.

Hudzik (2011, p.6) traz o conceito de Internacionalização Abrangente (*Comprehensive Internationalization*) como “um compromisso, confirmado através da ação, de infundir perspectivas

internacionais e comparativas através das missões de ensino, pesquisa e serviços do ensino superior”. Segundo o autor, a internacionalização abrangente moldará o ethos e os valores da IES, estando “no DNA” do ensino superior. Para tanto, é fundamental que essa perspectiva seja adotada por lideranças institucionais, governança, equipes docente e discente e por todas as unidades de suporte e serviços acadêmicos. “É um imperativo institucional, não apenas uma possibilidade desejada” (HUDZIK, 2011, p.6).

Ao corroborar com Hudzik (2011), Robson (2011, p.619) considera o conceito de internacionalização transformadora, exigindo uma abordagem holística, em que as universidades se tornam comunidades de espírito internacional, e não simplesmente instituições com aumento do número de estudantes internacionais e atividades internacionais. Para o autor, “a estratégia de internacionalização responsável far-se-á pela incorporação de abordagens inovadoras para o desenvolvimento curricular, de apoio ao estudante e de mecanismos e iniciativas de desenvolvimento acadêmico” (p.614).

Ainda na perspectiva de cumprimento do papel social das IES, a partir da entrega de profissionais qualificados para o exercício de sua profissão, também “o contexto dinâmico do ensino superior demanda uma integração inovadora de alfabetização digital” (ANNABI; MULLER, 2016, p.17). Não é possível afirmar que um egresso está qualificado sem desenvolver competências para o uso de TICs. É uma realidade atual no mercado de trabalho, na maioria das profissões. Assim sendo, segundo Annabi e Muller (2016), uma vez que as habilidades digitais dos aprendizes já estiverem avançadas, o currículo deverá sofrer modificações para integrar a tecnologia, a fim de permitir que os alunos se engajem em formas múltiplas de aprendizado. Portanto, tanto as TICs como a internacionalização devem estar presentes e atuantes no processo de ensino e aprendizagem da educação superior.

Muitos autores argumentam que tecnologias da informação e comunicação são cruciais para a globalização do ensino superior e em processos de internacionalização. Isso porque implicam oportunidades para a integração além do tempo e espaço, possibilitando que entidades distribuídas trabalhem como unidades em tempo real (THUNE; WELLE-STRAND, 2005).

Observa-se que a ampla definição de internacionalização e as atividades envolvidas nesse processo continuam alterando-se e expandindo-se, enquanto o desenvolvimento tecnológico oferece formas novas criativas de engajamento entre fronteiras (ACE, 2013, p.1).

## 2 A Internacionalização Acessível

Depois de decorrido algum tempo de atividades internacionais, muito possivelmente em função do fenômeno globalização e da abertura do Brasil para o mercado mundial, datado na década

de 80, a mobilidade de estudantes aumentou de forma significativa, impelindo as IES a encontrarem formas de articular suas atividades de forma mais sistemática e também de beneficiar a si, à comunidade acadêmica e à sociedade através da internacionalização. No entanto, dados os conceitos de internacionalização já discutidos, pode-se perceber que a mobilidade acadêmica é uma – e apenas uma – parte do processo de internacionalização.

Mesmo em países onde a internacionalização já é um processo desenvolvido e amplamente praticado, o foco na mobilidade acadêmica é percebido. **Maringe (2009)** realizou um estudo exploratório, em seis universidades localizadas no Reino Unido, cujos principais objetivos eram: 1) identificar como a internacionalização é conceituada nas instituições estudadas; 2) identificar evidências da integração estrutural do processo de internacionalização nos serviços das universidades; e 3) compreender os desafios que as instituições enfrentam na busca pela integração do conceito de internacionalização como um amplo elemento estratégico daquelas instituições. O estudo indica que há uma falha na execução do processo de internacionalização do ensino superior, uma vez que, embora a internacionalização seja identificada como objetivo estratégico pelas universidades estudadas, há uma variedade de barreiras que trabalham contra a integração do conceito de internacionalização à cultura institucional. Segundo o autor, uma das principais barreiras é a ênfase exacerbada em iniciativas de mobilidade humana em detrimento de esforços de integração cultural.

Não há dúvidas de que a mobilidade acadêmica fomenta a competência internacional. No entanto, estudos e dados mostram que essa mobilidade está restrita a um percentual bastante limitado da população global de estudantes (**ACE, 2013, p.2**), seja pela dificuldade de alguns estudantes de se ausentarem de suas origens, seja por disponibilidade de recursos financeiros, uma vez que, para países do hemisfério sul, distância e desvalorização cambial são fatores que oneram consideravelmente.

**Ramanau (2016)** argumenta que uma universidade internacionalizada deveria prover uma experiência educacional internacional para todos os seus alunos, em um ambiente inclusivo e acolhedor. E que, portanto, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) poderiam ser utilizadas de forma efetiva para assistir a alunos no desenvolvimento de perspectivas internacionais, interagindo com pessoas de outras culturas e engajando-se ativamente em um aprendizado intercultural.

Em estudo de 2010, realizado pela Associação Internacional de Universidades (IAU – International Association of Universities), “recursos financeiros insuficientes” foi citado como o obstáculo interno mais significativo para a internacionalização (**ACE, 2013, p.1**). No entanto, o uso de comunicação

virtual para conectar estudantes e professores além das fronteiras tem provado ser uma opção acessível, flexível e economicamente viável para um crescente número de instituições nos Estados Unidos e no mundo todo. Como muitos programas de mobilidade, aulas virtualmente conectadas podem prover um aprendizado global significativo e experiência intercultural (**ACE 2016, p.1**). Ou seja, o uso de TICs pode ser uma opção válida para minimizar barreiras que dificultam a evolução do processo de internacionalização do ensino superior.

Assim, “distância e tempo não precisam mais ser barreiras para a exposição e consciência internacional para qualquer aluno com acesso a um modem e um computador. Desse modo, todos os estudantes agora podem ser considerados internacionais em termos de mobilidade virtual” (**LEASK, 2004, p.337**).

Alguns autores preconizam que as tecnologias da informação e comunicação são vistas como um dos fatores mais importantes para a expansão continuada da internacionalização e podem até mesmo tornar-se substitutas da mobilidade internacional (**PHILSON, 1998; FAVA-DE-MORAES; SIMON, 2000, LEASK, 2004**).

“ A atual sociedade global interligada, baseada em novas tecnologias digitais, afetou o processo de educação e adicionou dinâmicas à transferência de informações e geração de conhecimento. Não estamos mais restritos a tempo e lugar. Ademais, a tecnologia da informação reduz diretamente os custos e aumenta as possibilidades de cooperação de interação acadêmicas. Aprendizagem virtual possibilita que instituições de ensino superior se aproximem de estudantes, professores e pesquisadores em países estrangeiros, sem movê-los fisicamente” (**MAGZAN; ALEKSIC-MASLAC, 2009, p.4**).

TICs e internacionalização, portanto, estão inquestionavelmente conectadas.

### 3 Possibilidades

Práticas de internacionalização no ensino superior incluem reforma curricular, aumento de programas de mobilidade, ampliação de campi, inglês como língua de instrução, em países onde não é a língua oficial, e tecnologia da informação (**ZUPANC; ZUPANC, 2009; YANYAN, 2010**). Ou seja, a tecnologia da informação é uma parte do todo, que certamente pode apoiar o processo, mas por si só não garante uma perspectiva internacional no ensino.

De acordo com **Leask (2004, p.340)**, “o uso de tecnologias da informação e comunicação em programas educacionais não assistirão [sic] necessariamente à internacionalização, mas certamente oferece diversas oportunidades para todos os alunos e colaboradores da IES”.

Segundo a autora, algumas dessas oportunidades incluem o envolvimento da comunidade acadêmica em:

- Uso da tecnologia, para estabelecer contatos internacionais e redes de relacionamento em suas áreas;
- Visitas virtuais de palestrantes convidados com perfil internacional que virtualmente abordam tópicos específicos em determinados momentos do programa;
- Projetos individuais ou em grupo com foco em assuntos e estudos de caso internacionais;
- Tarefas que requerem o desenvolvimento de habilidades em dinâmicas de grupo e o estabelecimento de relações de trabalho com pessoas de diferentes contextos culturais, por exemplo, tarefas que requerem a análise de reportagens de jornais internacionais de perspectivas culturais diferentes, entrevistas virtuais com alunos de outras culturas e profissionais que já atuaram no mercado internacional;
- Localizar, discutir, analisar e avaliar informações de variadas fontes internacionais *on-line* e *off-line*;
- Oportunidades virtuais para analisar assuntos, metodologias e soluções possíveis associadas com atuais áreas de debate dentro da disciplina, por meio de perspectivas culturais diversas;
- Acesso a fontes internacionais virtuais como revistas, conferências e associações profissionais;
- Simulações virtuais nas quais os estudantes têm a oportunidade de aprender através de participação ativa em um ambiente virtual controlado.
- Discussões, síncronas ou assíncronas, em grupo, que conectam alunos de culturas diferentes fazendo com que completem atividades, solucionem problemas, obtenham perspectivas internacionais sobre determinados assuntos
- Estabelecimento de redes de relacionamento internacional;
- Fórum virtual, em que os alunos podem discutir diferenças culturais e regionais em valores e concepções que afetam a disciplina ao mesmo tempo em que podem afetar a ação dos indivíduos;
- Variados projetos de grupo para avaliação que exijam dos alunos atividades virtuais ou via correio eletrônico com pessoas de outros grupos culturais com o objetivo de comparar e contrastar perspectivas em questões profissionais;
- Atividades virtuais em grupo que examinem de que maneira interpretações culturais específicas de aplicabilidade social, científica ou tecnológica podem incluir ou excluir ou ainda favorecer ou desfavorecer as pessoas de grupos culturais diferentes.

Ou seja, ao aproveitar as oportunidades que as TICs proporcionam, incorporando possibilidades para o desenvolvimento de um trabalho colaborativo virtual, não apenas as necessidades dos alunos de desenvolver suas competências e habilidades de gerenciamento do seu aprendizado serão supridas, como também poderão ser criadas oportunidades para incorporar atividades que fomentem a consciência e sensibilidade para com diferen-

ças interculturais (RAMANAU, 2016). As TICs podem, portanto, ser usadas como parte de atividades internacionais existentes, como complementariedade e como instrumento que promova a integração de perspectivas internacionais no campus (THUNE; WELLE-STRAND, 2005).

São diversas possibilidades que surgem a partir do uso de TICs como apoio ao processo de internacionalização. A Zagreb School of Economics and Management (ZSEM), uma faculdade privada que atua na área de negócios na Croácia, graças às videoconferências, oportuniza aos seus alunos assistir palestras de educadores e melhores especialistas de negócios do mundo todo. A primeira videoconferência, realizada em 2004, exibiu um discurso de boas-vindas do presidente do conselho da faculdade, Joseph Bombelles, professor emérito na Universidade John Carroll University, em Cleveland (Ohio, Estados Unidos). A partir de então, deu-se continuidade às videoconferências como parte dos cursos de Marketing e Gestão, em que professores internacionais convidados passaram a apresentar, aos alunos da SZEM, experiências e práticas de mercado vividas e praticadas em outras partes do mundo (MAGZAN; ALEKSIC-MASLAC, 2009). Atualmente a ZSEM tem como premissa que as TICs geralmente servem como uma ferramenta eficaz para apoiar e coordenar as atividades internacionais da faculdade. Além de ser uma forma rápida, econômica, com transcendência de tempo e distância e oportunidade de aprendizagem intercultural, para a ZSEM, “a implementação eficiente de TICs possibilita a extensão de relações internacionais, apoia na adoção de padrões de qualidade internacional e estreita relacionamentos com instituições estrangeiras” (MAGZAN; ALEKSIC-MASLAC, 2009, p.8).

Outro exemplo do uso de TICs para o apoio da internacionalização é o projeto denominado International Leadership in Educational Technology (ILET). Em 2001, o projeto foi selecionado por agências de fomento na Europa e nos Estados Unidos para criar um modelo de ambiente virtual intercultural para programas de doutorado destinados a preparar futuros líderes de tecnologias educacionais. O ILET objetiva criar uma comunidade de aprendizado transatlântica para estudantes de graduação em seis universidades diferentes – três europeias e três norte-americanas. As seis universidades são Iowa State University, University of Florida, University of Virginia, Institution of Education in the University of London, Aalborg University in Dinamarca e University of Barcelona na Espanha. O projeto concentra a colaboração democrática de professores e alunos de todas as universidades participantes. Essa abordagem inovadora fornece um modelo personalizado para estudos no exterior com estágios e experiências interculturais mediadas pela tecnologia. Colaboração é a chave para o sucesso do modelo, uma vez que seis diferentes universidades estão envolvidas. No projeto, estudantes de doutorado são motivados e recebem apoio para negociar com uma ou mais universidades para aprimorar seus programas de estudos. Eles usam websites, correio eletrônico e outras tecnologias para negociar estágios e experiências

de estudos com as universidades parceiras. Nesse processo, docentes e alunos tornam-se sensíveis à ampla variedade de ambientes acadêmicos e culturais. O projeto ILET também possui tecnologias híbridas no programa de doutorado e criou um ambiente virtual e intercultural de aprendizagem em que as seis universidades participam, através de grupos anuais de leitura virtual, de cursos de verão com carga-horária reduzida para experiências acadêmicas interculturais e programas de estágios no exterior (DAVIS; CHO, 2005).

Isso posto, é possível afirmar que, de fato, a internacionalização abrangente, “na qual as universidades tentam prover desenvolvimento pessoal e profissional para todas as pessoas enquanto cidadãos globais, pode alcançar seus objetivos com o apoio da educação a distância e de TICs” (VAJARGAH; KHOSHNOODIFAR, 2013, p.148). Portanto, as TICs podem promover o “aprendizado colaborativo internacional virtual”, agrupando as quatro dimensões essenciais da mobilidade virtual real: 1) o exercício colaborativo de professores e alunos; 2) o uso de interação e tecnologia virtual; 3) existência de potenciais dimensões internacionais; e 4) integração com o processo de aprendizado (WIT, 2013).

#### 4 Desafios

Como já abordado, sabe-se que atualmente a tecnologia está desempenhando uma função fundamental na preparação de futuros educadores e no ensino superior, com avanços significativos para a globalização. Também pode-se afirmar que o aprendizado via web tornar-se-á cada vez mais proeminente no ensino superior com o uso de tecnologias educacionais. Consequentemente, “as equipes docentes precisam estar preparadas para trabalhar em um ambiente internacional” (VAJARGAH; KHOSHNOODIFAR, 2013, p.148). E virtual.

Integrar tecnologias no currículo a fim de aprimorar o aprendizado global e experiência intercultural dos alunos pode ser desafiador. Requer tempo adicional e criatividade do corpo docente, além de depender de conectividade e equipamentos adequados para uso da internet, dentre outras questões. Embora TICs ofereçam oportunidades ricas e únicas para a internacionalização, “as equipes frequentemente não conhecem todo o potencial de uso ou não se sentem confortáveis em usá-las como instrumento de ensino e aprendizagem e alguns são reticentes em investigá-las e experimentá-las” (LEASK, 2004, p.345).

De acordo com Ramanau (2016), equipes que estão ensinando em programas internacionais devem ter, além das habilidades e conhecimentos básicos necessários para ser um professor de sucesso em qualquer ambiente (tais como conhecimento da área, gestão de sala de aula, habilidade de definir claramente os objetivos de aprendizagem, elaboração de um programa adequado), habilidades adicionais, como de ter uma ampla consciência cultural, habilidade de fazer uso de informações

e exemplos internacionais, e a habilidade de conduzir um grupo em que uma ampla variedade de estilos de aprendizagem e de comunicação se fazem presentes. Em um ambiente internacional virtual, ainda outra dimensão é acrescentada: a habilidade de fazer tudo o que já foi mencionado utilizando todas as ferramentas virtuais disponíveis.

Nesse sentido, é importante destacar a importância do docente no processo e sua preparação para atuar nesse novo contexto. Faz-se necessário capacitá-los e desenvolvê-los para que possa atuar de forma a promover um ambiente de ensino e aprendizagem que possibilite aos alunos desenvolverem as competências e habilidades exigidas no atual cenário. Investimentos são necessários: recursos financeiros e humanos, bem como tempo para essa preparação. Entretanto, esse investimento não será suficiente se não houver motivação docente. Sim, ele precisa acreditar e engajar-se na proposta. E isso depende de outros fatores, que não estão sob domínio das instituições, gestores e estudantes. Eis um desafio que precisa ser considerado.

Contudo, não apenas os docentes precisam estar engajados. “Entregar uma competência global para todos os alunos requererá programas de iniciativas criativas e intencionais que envolvem diversos atores do campus e perpassa todos os aspectos da experiência do aluno” (ACE, 2013, p.3). Ou seja, é necessário o engajamento de toda a comunidade acadêmica, com apoio da sociedade. A diversidade e a amplitude de atores envolvidos demonstra a complexidade do processo.

Ao considerar tendências nascentes em tecnologia e o contínuo impacto que a globalização tem trazido para o ensino superior, parece claro que um processo de integração de tecnologia, que enfatiza a conexão e o aprendizado colaborativo e social, é uma prática de internacionalização eficaz. Entretanto, tal apelo deve ser apoiado por uma avaliação integral das necessidades da instituição e recursos disponíveis. (BILLINGHAM; GRAGG; BENTLEY, 2013, p.25)

É, portanto, necessário que a IES tenha claro quais são os seus objetivos de internacionalização, para que os esforços sejam direcionados nesse sentido, evitando ações isoladas e desarticuladas na instituição. Também é importante destacar que nem todas as IES têm a mesma disponibilidade de recursos humanos, financeiros e tecnológicos para a implementação de TICs e do processo de internacionalização. Em muitos países em desenvolvimento, há IES que sequer possuem conexão web. Essa é uma realidade que precisa ser considerada e, portanto, avaliada, uma vez que a internacionalização abrangente não se aplica na abrangência em que a teoria propõe.

Sabe-se que, por mais de uma década, o ensino superior tem passado por um rápido processo de integração tecnológica. Também a internacionalização se mostra como indispensável para que o ensino superior cumpra a sua missão de preparar egressos para o mundo global interconectado em que vivemos. No entanto, dos estudos disponíveis sobre ambos temas, poucos correlacionam a integração de tecnologia e a internacionalização especificamente. Assim sendo, são necessários estudos que apontem para essa direção.

## 5 Considerações Finais

A internacionalização é um tema muito relevante, mas ainda incipiente no Brasil. No entanto torna-se indispensável pensar no assunto quando se trata de educação superior, uma vez que será exigido que nossos egressos tenham desenvolvido competências técnicas, comportamentais, tecnológicas e interculturais.

Muitos são os desafios interpostos às IES brasileiras que buscam desenvolver a internacionalização como um processo contínuo, que abrange todos os níveis e serviços da instituição. Barreiras como idioma, localização geográfica, extensão territorial, reconhecimento da comunidade acadêmica acerca da importância e da relevância da internacionalização para a qualificação da sociedade, entre outros, mostram que o caminho a ser percorrido é laborioso.

Todavia, observa-se que as tecnologias de informação e comunicação possibilitam a distribuição e o acesso à informação, em qualquer fuso, em qualquer lugar no mundo. Materiais de professores, relatórios de pesquisa, planos de aula, conteúdos diversos, podem ser distribuídos para locais distantes. A informação está apenas um clique distante. Também o acesso à internet possibilita interações virtuais com o mundo de forma fácil e com custo baixo. O uso de TICs torna-se fundamental para a evolução da internacionalização do ensino superior em nosso país.

Contudo, há desafios – como engajamento, estrutura, investimentos, capacitação de recursos humanos – que também precisam ser considerados. O uso de TICs pode apoiar a evolução do processo de internacionalização. O uso de TICs pode apoiar a evolução da educação em nosso país, assim como a internacionalização do ensino superior também poderá fazer essa evolução acontecer. Porém, nem juntas nem isoladas as TICs e a internacionalização da educação superior resolverão por completo o problema da educação no nosso país. Esse só poderá ser minimizado com a priorização, antecedida pela conscientização.

## Referências

- AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION (ACE). *Internationalization in action special edition connecting classrooms: using online technology to deliver global learning*. Washington, DC: One Dupont Circle NW, 2016.
- AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION (ACE). *Leading the Globally Engaged Institution: new directions, choices, and dilemmas: a report from the 2012 transatlantic dialogue*. Washington, DC: One Dupont Circle NW, 2013.
- ANNABI, Carrie Amani; MULLER, Marlene Muller. Learning From the adoption of MOOCs in two international branch campuses in the UAE. *Journal of Studies in International Education*, European Association for International Education, v. 20(3), p. 260-281. 2016. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315315622023?journalCode=jsia>>. Acesso em: jun. 2017.
- BILLINGHAM, Craig; GRAGG, Monica; BENTLEY, Guy. Internationalization: From Concept to Implementation. *Higher Learning Research Communications*, Blue Mountains, Australia, v. 3(4), p. 24-31. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18870/hlrc.v3i4.166>>. Acesso em: jun. 2017.
- DAVIS, Niki; CHO, Mi Ok. Intercultural competence for future leaders of educational technology and its evaluation. *Interactive Educational Multimedia*, n. 10, p. 1-22. 2005. Disponível em: <<http://www.ub.edu/multimedia/iem>>. Acesso em: jun. 2017.
- FAVA-DE-MORAES, F.; SIMON, I. Computer networks and the internationalization of higher education. *Higher Education Policy* 13. 2000.
- HUDZIK, J. K. *Comprehensive internationalization*. Washington, DC: NAFSA, 2011.
- KNIGHT, Jane. *Higher education in turmoil: the changing world of internationalization*. Rotterdam: Sense Publishers, 2008.
- LEASK, Betty. Internationalisation outcomes for all students using information and communication technologies (ICTs). *Journal of Studies in International Education*, Association for Studies in International Education, v. 8, n. 4, p. 336-351. 2004. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315303261778>>. Acesso em: jun. 2017
- LEASK, Betty. Using formal and informal curricula to improve interactions between home and international students. *Journal of Studies in International Education*, v. 13, n. 2. 2009. Disponível em <<http://jsie.sagepub.com>>. Acesso em: jun. 2017.
- MARINTE, F. Strategies and challenges of internationalisation in HE: an exploratory study of UK universities. *International Journal of Educational Management*, v. 23, n. 7, p. 553-556. 2009. Disponível em: <[www.emeraldinsight.com/0951-354X.htm](http://www.emeraldinsight.com/0951-354X.htm)>. Acesso em: 20 fev. 2015.
- MAGZAN, Masha; ALEKSIC-MASLAC, Karmela. ICT as an effective tool for internationalization of higher education. In: *13 th world multicongress on systemics, cybernetics and informatics*. Orlando, Florida. 2009.
- MIURA, I. K. O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo em três áreas de conhecimento. In: (EnANPAD), 33., 2009. *Anais...* São Paulo: ANPAD, 2009. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad\\_2009/ESO/2009\\_ESO650.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2009/ESO/2009_ESO650.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2015.

- MOROSINI, M. C. Qualidade da Educação Superior: Grupos Investigativos internacionais em dialogo In: CUNHA, M. BROILO, C. *Qualidade e Internacionalização da educação superior: estado de conhecimento sobre indicadores*. Araraquara: Junqueira & Marin Eds, 2012. v.5.
- PHILSON, M. Curriculum by bytes—using technology to enhance international education. In: MESTENHAUSER, J.; ELLINGBOE, B. *Reforming the higher education curriculum: internationalizing the campus*. Phoenix, Arizona: The Oryx Press, 1998. p. 150-173.
- RAMANAU, Ruslan. Internationalization at a distance: a study of the online management curriculum. *Journal of Management Education*, v. 40(5), p. 545-575. 2016. Disponível em: <sagepub.com/journalsPermissions.nav. DOI: 10.1177/1052562916647984. jme.sagepub.com>. Acesso em: jun. 2017.
- THUNE, Taran; WELLE-STRAND, Anne. *ICT for and in internationalization processes: A business school case study*. Noruega: Department of Leadership and Organizational Management, 2005.
- VAJARGAH, Kourosh Fathi; KHOSHNOODIFAR, Mehrnoosh. Toward a distance education based strategy for internationalization of the curriculum in higher education of Iran. *The Turkish Online Journal of Educational Technology*, Tehran, Iran, v. 12, 2013.
- WIT, Hans de. *COLL: virtual mobility without commercialisation*. [S.l.]: University World News, 2013.
- WIT, Hans de. *Trends, issues and challenges in internationalisation of higher education*. Amsterdam: Hogeschool van Amsterdam, 2011.
- YAN YAN, L. Impact of globalization on higher education: an empirical study of education policy & planning of design education in Hong Kong. *International Education Studies*, v.3(4), p.73-85. 2010.
- ZUPANC, G. K. H.; ZUPANC, M. M. Global revolutions in higher education: the international schools'perspective. *International Schools Journal*, v.29(1), p. 50-59. 2009.